

GÊNEROS DE HUMOR E O LIVRO DIDÁTICO: POSSIBILIDADES DE UMA ABORDAGEM TEÓRICO-METODOLÓGICA¹

HUMOR GENRES AND SCHOOLBOOK: POSSIBILITIES OF A THEORETICAL-METHODOLOGICAL APPROACH

Marilei Ribeiro Badke² e Nilsa Reichert Barin³

RESUMO

Neste trabalho, objetivou-se uma discussão analítica sobre a presença de textos de humor no livro didático de Língua Portuguesa. Partiu-se das categorias indicadas por Travaglia (1989), entre outros níveis de análise, para verificar como as propostas didáticas são contempladas em três gêneros textuais selecionados: tira, charge e história em quadrinho. Para tanto, no referencial teórico, estão contemplados, em especial, autores como Travaglia (1989), Soares (2001), Antunes (2003), Franchi (2006), Batista (2009) e Costa (2014). Para a análise dos gêneros selecionados, seguiram-se, basicamente, as categorias quanto aos objetivos do humor, o humor quanto ao assunto, o humor quanto ao código, o que provoca o riso e também quanto aos mecanismos linguísticos. Na análise das atividades propostas pelo livro didático na exploração dos textos de humor, verificou-se o predomínio da abordagem gramatical ou discursiva e os resultados apontaram que, mesmo havendo a exploração de questões discursivas, ainda é muito forte a presença da abordagem gramatical, cuja metalinguagem não serve de apoio para discutir o que realmente neles provoca o riso. Dessa forma, com base nesta pesquisa teórico-aplicada, procurou-se colaborar para o fortalecimento do gênero de humor, como importante recurso didático na escola.

Palavras-chave: ensino, gêneros textuais, metodologias de aprendizagem.

ABSTRACT

In this work, it was aimed an analytical discussion about the presence of humor texts in the schoolbook of Portuguese language. From the categories proposed by Travaglia (1989), among other levels of analysis, it was possible to verify how the didactic proposals are contemplated in three selected textual genres, strip, cartoon and comic strip. In order to do this, in the theoretical reference, authors such as Travaglia (1989), Soares (2001), Antunes (2003), Franchi (2006), Batista (2009) and Costa (2014) are contemplated. For the analysis of the selected genres, the categories were basically related to the objectives of humor, humor about the subject, humor about the code, which causes laughter and language mechanisms. In the analysis of the activities proposed by the schoolbook to explore the humor texts, it was verified the predominance of the grammatical or discursive approach and the results point out that, even though there is the exploration of discursive questions, the grammatical approach is still very strong, whose metalanguage does not support to discuss what really causes humor.

Keywords: teaching, text genres, learning methodologies.

¹ Trabalho Final de Graduação - TFG.

² Acadêmica do curso de Letras: Português-Inglês - Universidade Franciscana. E-mail: marileirb@yahoo.com.br

³ Orientadora. Docente da Universidade Franciscana. E-mail: nilsabarin@gmail.com

INTRODUÇÃO

O livro didático sempre foi importante para as metodologias de ensino ao longo do tempo, considerando, especialmente, as dificuldades no contexto de trabalho do professor. Para garantir a qualidade dos LDs a serem adotados nas escolas, foi criado pelo governo o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), mas cabe ao professor a responsabilidade de selecionar e avaliar as possibilidades e as limitações que o livro oferece, podendo explorar além do que está no livro, se assim achar necessário.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), e certificado pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), é compromisso da educação escolar criar meios, para que o aluno desenvolva sua competência discursiva, a fim de que seja capaz de utilizar a língua de modo variado (BRASIL, 1998; BRASIL, 2016).

Em relação a anos anteriores, o LD apresenta mudanças quanto aos gêneros textuais, pois a maioria dos manuais didáticos anteriores era composta por textos literários e antologias (SOARES, 2001). Atualmente, observa-se uma ampla diversidade de gêneros textuais e, por conta disso, a orientação da Base Nacional Comum Curricular é levar o aluno ao conhecimento de gêneros mais diversificados como: poemas, cartazes, tirinhas, quadrinhos, etc., demonstrando a compreensão da função social e o reconhecimento da leitura como fonte de prazer e informação.

Diante dessa preocupação em mostrar ao aluno a diversidade de textos que circulam no meio social, nota-se que os textos humorísticos (tiras de humor, piadas, charges, cartuns, etc.) estão cada vez mais presentes nos LDs, em especial, por atraírem a atenção dos alunos, uma vez que lhes são familiares por estarem ligados a gêneros do cotidiano. Tais textos são curtos, compostos pela associação do verbal e do não verbal e geram, no leitor, o efeito de humor, o que pode contribuir para um trabalho diferenciado, tornando o ensino menos cansativo tanto para o educando quanto para o professor.

Dentre as habilidades propostas pela BNCC (BRASIL, 2016), em relação a esses textos, estão as de que o aluno seja capaz de identificar elementos que criam efeito de humor presente nos quadrinhos e tirinhas, por exemplo: os alunos devem entender o efeito de humor produzido pelo uso intencional de palavras, expressões ou imagens ambíguas. Dessa forma, é importante que se destaque a relevância do tema proposto, pois os textos de humor oportunizam ao estudante um contato mais funcional em relação à língua em uso.

Sobre esse tema, existem pesquisas de doutorado, como a tese de Ottoni (2007), em que analisa diferentes gêneros de humor em LDs de Língua Portuguesa, tendo como um dos objetivos verificar se esses textos podem contribuir para o desenvolvimento de leitores críticos e reflexivos, para a construção de identidades emancipadas e para proporcionar prazer na prática de leitura. Outro estudo relacionado a esse tema é a dissertação de Liska (2013), em que a autora analisa os efeitos de sentido em textos humorísticos nos LDs, bem como a progressão desses ao longo das coleções analisadas.

Reconhecendo a importância desses e de outros trabalhos que abordam o tema, neste estudo, tem-se como objetivo propor uma discussão analítica sobre a presença de textos de humor - tira, charge e história em quadrinhos - no livro didático de Língua Portuguesa. Assim, para a análise dos gêneros de humor selecionados, seguiram-se basicamente as categorias criadas por Travaglia (1989), explicitadas na metodologia deste trabalho, com algumas adaptações; criaram-se também alguns níveis de análise para que se verificasse o tipo de abordagem que o livro traz desses gêneros humorísticos, além de observar quais as finalidades que os autores do LD demonstram ter ao trazê-los em seus livros.

Para tanto, procurou-se organizar esta pesquisa da seguinte forma: no referencial teórico, há seções sobre o livro didático, o estudo de humor, os gêneros textuais charge, tira e história em quadrinhos e sobre o ensino de língua portuguesa na escola. Na sequência, apresentam-se a metodologia de nosso estudo e, por fim, o resultado das análises, a conclusão e as referências.

REFERENCIAL TEÓRICO

O LIVRO DIDÁTICO

Segundo Batista (2009), a expressão “livro didático” se apresenta de forma complexa devido à variedade de textos e impressos que circulam na escola (pastas, folhas avulsas, cartilhas, entre outros), e que podem conter o texto didático. Diante dos vários suportes textuais, um fator que parece criar uma homogeneidade para os textos escolares, a um primeiro exame, é o “material impresso empregado para o desenvolvimento de processos de ensino e de formação” (BATISTA, 2009, p. 43). Desse modo, o livro se torna apenas um dos vários suportes de textos presentes na sala de aula. Ainda, conforme o autor, a produção de livros e textos manuscritos, com a finalidade educacional, sempre existiu mesmo antes da invenção da imprensa. Muitos materiais didáticos, como apostilas, cartilhas e outros, foram e são elaborados pelos professores, desenvolvendo, dessa forma, uma “imprensa” escolar.

No grupo daqueles que são produzidos especialmente para o contexto escolar, estão as antologias de textos para o ensino de literatura e, mais recentemente, os livros de História, de Geografia, de Ciências e de Português. Dentre as categorias criadas por Alain Choppin (1992, apud BATISTA, 2009, p. 50), para os impressos didáticos, estão os utilitários da sala de aula:

Concebidos na intenção, mais ou menos explícita ou manifesta segundo as épocas, de servir de suporte escrito ao ensino de uma disciplina no seio da instituição escolar [...]. O manual apresenta, então, ao aluno o conteúdo desse programa, segundo uma progressão claramente definida e sob a forma de lições ou unidades.

Soares (2001) analisou as concepções de professor como leitor em dois livros didáticos da disciplina de Português, muito utilizados nas escolas em dois momentos diferentes: a Antologia Nacional, de Fausto Barreto e Carlos de Laet, que predominou nas escolas brasileiras do fim do

século XIX até os anos 30, do século XX, e o livro *Estudo dirigido de Português*, de Reinaldo Mathias Ferreira, que fez grande sucesso nos anos de 1970. A autora concluiu que há uma evidente mudança, nos últimos anos, na concepção do professor como leitor e como formador de leitores. Com relação à *Antologia Nacional*, “um professor que, considerado bom leitor e conhecedor de língua e literatura, seria capaz de, autonomamente, definir uma metodologia de trabalho com textos na sala de aula” (SOARES, 2001, p. 73). Com relação ao *Estudo dirigido de Português*, o LD deve proporcionar ao professor “não só os textos, mas também a orientação metodológica para a sua leitura e interpretação, as atividades didáticas a serem realizadas e até mesmo as respostas às questões de compreensão e interpretação dos textos” (p. 73). A autora entende que o professor da atualidade não é um mau leitor ou um incapaz de definir por si mesmo uma metodologia de estudo de textos na sala de aula, mas há, sim, pouca formação e pouco tempo para preparar suas aulas, por isso a necessidade de que o livro didático faça isso por ele.

Batista (2009) mostra a organização dos livros, no ensino de Português de 5^a a 8^a série, dos anos 1960 e 1970, a qual gira em torno de um conjunto de atividades direcionadas para o desenvolvimento da leitura, da redação, da linguagem oral e do aprendizado gramatical. O trabalho com leitura, redação e linguagem oral busca o desenvolvimento de habilidades; dessa forma, o que predomina é um ensino de caráter procedimental, abandonando o gramatical normativo. Além disso, no caso específico de Língua Portuguesa, há uma forte dependência do contexto na sala de aula, isto é, o LD só se torna plenamente satisfatório no trabalho efetivo do professor com seus alunos.

Segundo o autor, a tradição recente dos LDs de Português de 5^a a 8^a série

apresenta unidades construídas de modo complexo, buscando articular os diferentes saberes e ordens de saberes em jogo, e de se estruturar predominantemente de modo a propor atividades e exercícios, pelos quais deverão ser desenvolvidas as habilidades visadas (BATISTA, 2009, p. 53).

Ainda, segundo o autor, o modelo de livro didático que prevaleceu é daquele conduzido ao aluno. No entanto, deve ser utilizado com a mediação do professor. É ele, individualmente ou em grupo, quem elege e indica a aquisição do impresso. O que ocorre, dessa forma, são dois tipos de mediação: “uma mediação entre o aluno e os saberes e práticas e uma mediação entre o aluno e o professor” (PLANE, 1997, apud BATISTA, 2009, p. 55). Com relação aos textos presentes nos LDs atuais, Batista (2009, p. 48) afirma que:

Baseados no pressuposto da importância de se levar o aluno a conhecer e manipular diferentes fontes de informação relacionadas com as diversas áreas do conhecimento, esses livros empregam textos retirados de diferentes suportes e contextos sociais de produção e de circulação de discursos.

Com base nessa citação, entende-se que o suporte original de publicação de um texto, muitas vezes, revela características sócio-históricas e até ideológicas sobre os contextos em evidência.

Torna-se importante também, nesse contexto, observar como os textos são explorados, quando passam a integrar os manuais didáticos.

Para se avaliar a presença do humor em livros didáticos, a seção a seguir considera esse importante tema sob diferentes perspectivas sociais.

O ESTUDO DO HUMOR

A presença e a disseminação do humor na vida humana e seus papéis necessários nesse meio têm feito dele um importante campo de estudo, considerado como multi e interdisciplinar, pesquisado por antropólogos, filósofos, psicólogos, sociólogos, linguistas, etc. (TRAVAGLIA, 1990).

Possenti (1998, p. 21) afirma que “[...] não existe uma linguística do humor. No máximo, existem linguistas que trabalham eventualmente sobre o assunto ou a partir de dados colhidos em textos humorísticos”. O autor acrescenta que a análise dos textos de humor pode contribuir para a Linguística, de modo que, a partir deles, é possível discutir questões importantes de ordem sintática, morfológica, fonológica, bem como outros mecanismos: regras de conversação, inferências, etc.

Travaglia (1990, p. 55) define o humor como:

Uma atividade ou faculdade humana cuja importância se deduz de sua enorme presença e disseminação em todas as áreas da vida humana, com funções que ultrapassam o simples fazer rir. Ele é uma espécie de arma de denúncia, de instrumento de manutenção do equilíbrio social e psicológico; uma forma de revelar e deflagrar outras possibilidades de visão do mundo e das realidades naturais ou culturais que nos cercam e, assim, de desmontar falsos equilíbrios.

Do ponto de vista sociológico, o autor explica que o humor desempenha, na sociedade, um papel social e político por meio de algumas funções como o ataque ao estabelecido, à censura, ao controle social, fazendo dele o lugar de mostrar outros possíveis padrões escondidos.

Ainda conforme Travaglia (1990), são muitas as contribuições que a Linguística Textual e a Análise do Discurso podem dar a essas áreas ao estudar a respeito do humor. As formações discursivas da Análise do Discurso, por exemplo, podem auxiliar a explicar por meio do plano histórico-social alguns fatos do humor étnico, como o cômico de certos preconceitos, que circulam no Brasil com relação a algumas etnias. O autor também acrescenta que o humor, cuja graça resulta do uso de recursos, tais como a mistura de lugares sociais ou posições de sujeito, a descontinuidade de tópico, a paródia, entre outros, apresenta explicações discursivas, textuais ou discursivo-textuais.

Travaglia (1989), em uma pesquisa na qual analisou programas de TV humorísticos, elencou categorias que revelam como se constrói o humor, sendo a primeira relacionada com o “Objetivo do humor”. Nessa, o autor estabeleceu quatro subcategorias: riso pelo riso, em que o objetivo do humor é somente provocar o riso; liberação, de caráter sociopsicológico, porque, por meio do humor, é possível romper a proibição e a censura social imposta a alguém ou a grupos; crítica social, que pode ser

política, de costumes, instituições, serviços, caráter ou tipo humano e governo; e, por último, a denúncia, em que a crítica se refere aos comportamentos explícitos, aceitos e até incentivados pela sociedade.

A segunda categoria que o autor destaca é sobre o “humor quanto ao assunto”, com quatro subcategorias também: o humor negro, sexual, étnico e o humor social. O humor negro, para o autor, é uma forma de violência dentro do humor, porque ri-se das desgraças, das tristezas trágicas, de doenças e patologias, das deformidades físicas. O humor sexual refere-se a fatos que estejam ligados ao relacionamento sexual dos indivíduos. O humor étnico enfoca as características relacionadas a grupos étnicos, raças, povos. Já o humor social, segundo o autor, focaliza classes, grupos da sociedade e tipos humanos, ao criticar as suas características, costumes, preconceitos, atitudes, da denúncia que cometem da própria sociedade, ou ajudando a se libertarem de algo de que são vítimas. Esse enfoque pode ser: político, de costumes, de instituição, de serviços, de caráter (tipo humano), de governo, de classe e de língua (estereótipos linguísticos).

A terceira categoria, “O humor quanto ao código”, divide-se em duas subcategorias: o verbal ou linguístico e o não verbal. O verbal ou linguístico refere-se ao que é dito ou está escrito. Já o não verbal ocorre quando o humor se utiliza de outros códigos (situação, gestos, caracterização, objetos, expressões fisionômicas, etc.).

Na categoria “O que provoca o riso”, o autor explica que nem todos os elementos, como provocadores do riso, são humorísticos em si, como, por exemplo, a ambiguidade, que nem sempre provoca o riso, quando aparece. Segundo o autor, o que faz com que elementos sejam humorísticos “é a existência de uma situação enunciativa classificada como humorística conscientemente pelos interlocutores e que deflagra “algo” que faz com que aquilo que é dito ou acontece seja risível” (TRAVAGLIA, 1989, p. 57).

Nesse caso, o autor divide os elementos que provocam o riso em dois subgrupos: “*scripts*” e “mecanismos”. No grupo dos *scripts*, os elementos são a estupidez, esperteza/astúcia, ridículo, absurdo e mesquinhez. A estupidez, para o autor, envolve os casos em que o personagem é visto como o “bobalhão”, demonstrando ser a vítima, o “coitadinho”. Na esperteza/astúcia é necessário que o personagem consiga se sair bem de um conflito. Nesse caso, “o herói é “espertalhão”, sai-se sempre bem. O ridículo é algo inadequado criado pelo exagero. O absurdo é quando vai contra o senso comum, fugindo das regras ou condições determinadas. A mesquinhez, no humor, é quando alguém se recusa a dar algo a um indivíduo, sendo dessa forma mesquinho.

No grupo dos mecanismos, estão: cumplicidade, ironia, mistura de lugares sociais ou posições de sujeito, ambiguidade, uso de estereótipo, contradição, sugestão, paródia, exagero, quebra-língua, desrespeito às regras conversacionais, entre outros. A cumplicidade acontece quando a audiência se torna cúmplice do personagem nas atitudes dele, porque ele diz e faz algo que a audiência gostaria de fazer ou dizer. A ironia provoca o riso, mas de uma forma amarga, porque, ao ser usada no humor, concebe uma transposição do ideal (algo que se deseja) para o real (aquilo que realmente se tem).

Com relação à mistura de lugares sociais ou posições de sujeito, segundo o pesquisador, esse conceito refere-se à Análise do Discurso, que indica lugares sociais, situações que o sujeito pode ocupar em seu discurso. A contradição, segundo Travaglia (1989, p. 62), “é a consequência direta da bissociação e do paradoxo lógico”. É quando dois elementos se contradizem. No caso da sugestão, envolve sugerir algo, de forma suave, que seria indizível para alguém pelas normas sociais.

A descontinuidade de tópico ou quebra de tópico está relacionada ao desenvolvimento da conversação, quando alguém diz alguma coisa que não se enquadra com o que outra pessoa estava dizendo. A paródia refere-se ao original ridicularizando-o, quase sempre pela caricatura. O jogo de palavras “é criado lançando mão de homonímia, polissemia e semelhanças fônicas entre termos de sentido diferente” (p. 64). O quebra-língua é uma sequência de palavras que, ao gerar dificuldades articulatórias para o falante, acaba provocando o riso. O exagero puro é um forte mecanismo de provocar o riso, induzindo quase sempre ao ridículo. Pode estar no dizer (repetição, redundância e o pleonasma), na caracterização (caricatura), nos gestos, na sobrecarga de enfeites, etc..

Para o autor, o desrespeito a regras conversacionais é quando, no humor, desconsideram-se marcadores conversacionais e outros elementos da estrutura conversacional. Nas observações metalinguísticas, o humor se dá ao satirizar elementos do próprio programa humorístico: cenário, objetos, personagens, atores, etc. A violação de normas sociais está relacionada a um dos objetivos básicos do humor que é o de contestar, ir contra a estrutura social que está em vigor, apresentar comportamentos que contrariam o que a sociedade instituiu.

Dentre essas, destacam-se a ambiguidade e o uso de estereótipo. Para o autor, o estereótipo, no humor, é sempre usado de uma forma negativa, em que o riso ocorre da desvalorização social, do estigma que torna o estereótipo algo ridículo. Quanto à ambiguidade, o pesquisador explica que, devido ao duplo sentido, trata-se de um recurso básico do humor. A principal fonte de ambiguidade está nas formas linguísticas e pode ocorrer em diversos níveis: lexical, morfológico e sintático.

Dessa forma, percebe-se que o texto humorístico, por sugerir mais de uma possibilidade de leitura, leva o leitor a ser surpreendido com essas potencialidades, pelo modo agradável que a maioria desses textos apresenta, o que pode ser um facilitador para a compreensão leitora do aluno. Sendo assim, os textos de humor merecem uma análise aprofundada dos recursos que provocam o riso, especialmente quando são colocadas em livros didáticos. Neste trabalho, o foco de interesse são, especialmente, as charges, as tiras e as histórias em quadrinho, as quais serão discutidas na sequência.

OS GÊNEROS TEXTUAIS CHARGE, TIRA E HISTÓRIA EM QUADRINHOS

Como os gêneros charge, tira e história em quadrinhos (HQ) são gêneros desta pesquisa, torna-se relevante entender quais as diferenças e semelhanças que existem entre eles.

Segundo Costa (2014, p. 70), “a palavra charge significa carga, porque exagera a forma de manifestar o caráter de alguém ou de algo de forma ridícula”. Conforme o pesquisador, a charge é “uma ilustração ou desenho humorístico, com ou sem legenda ou balão, veiculada pela imprensa, que tem por finalidade satirizar e criticar algum acontecimento do momento” (2014, p. 70). Através de caricaturas, os personagens estão envolvidos no fato político-social, de maneira humorística. O texto se expressa de modo verbal e não verbal, na maioria das vezes, é um texto de opinião.

Com relação à tira, Costa (2014, p. 219) a define como “um segmento ou fragmento de HQs, geralmente com três ou quatro quadros, apresenta um texto sincrético que alia o verbal e o visual”. O meio de circulação é por jornais e revistas, em uma só faixa horizontal de mais ou menos 14 cm x 4 cm. O autor explica que uma tira/tirinha pode apresentar uma história completa (como em tiras cômicas), ou em forma de historinhas didáticas, como também de histórias seriadas de aventuras.

De acordo com Costa (2014, p. 141), as HQs são textos que combinam a linguagem verbal e a visual, ou seja, “a palavra e a imagem possuem o mesmo peso”. Sendo assim, apresentam um texto de natureza mista, com vários desenhos acompanhados de uma ou duas linhas de texto escrito. Conforme o autor, os desenhos, sem os escritos, apresentariam uma significação obscura; os textos, sem os desenhos, não teriam nenhum significado. Dessa forma, há uma complementaridade entre o legível e o visível, em que as duas instâncias se complementam e assumem cada uma parte da narrativa.

Diante dessas definições, observa-se que os três gêneros apresentam características semelhantes, pois são textos que aliam o verbal e o visual, podendo ser apenas um texto visual, com imagens ilustrativas, alguns com a intenção de criticar e satirizar, sendo agradáveis, que atraem a atenção do leitor. Como diferenças, percebe-se que a charge se distingue dos outros dois gêneros, porque está sempre relacionada a um fato que está ocorrendo no momento, a fim de criticar e denunciar; já a diferença entre a tira e os quadrinhos pode ser percebida na quantidade de quadros, pois a tira apresenta três ou quatro quadros, enquanto que a história em quadrinhos, um número maior.

Na próxima seção, será considerado o ensino de língua portuguesa na escola, em que gêneros textuais trabalhados orientam-se por meio de temas de humor.

O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NA ESCOLA

Nesta seção, aborda-se a situação do ensino de língua portuguesa. Irlandé Antunes (2003) faz uma análise das dificuldades e de alguns equívocos que, ainda, permanecem em relação às atividades pedagógicas, no que se refere à oralidade, à escrita, à leitura e à gramática. Dentre essas, serão abordadas a leitura e a gramática, objetos de análise nesta pesquisa.

Antunes (2003, p. 15) mostra a crítica de muitos pesquisadores e estudiosos da linguagem de que a escola não prepara os alunos para a leitura e para a compreensão de textos reais que circulam socialmente. Também não os torna capazes de produzi-los por escrito. Salienta que o ensino da língua

portuguesa deveria ter o propósito de tornar as pessoas cada vez mais críticas, participativas e atuantes, política e socialmente. Essa participação na sociedade, segundo ela, dá-se pela “comunicação”, pela “atuação e interação verbal”, ou seja, por meio da linguagem.

Com relação à atividade de leitura, Antunes questiona a maneira como ela tem sido desenvolvida na escola, pois se apresenta com pouca importância, pouca função, como revela a autora:

- uma atividade de leitura centrada nas habilidades mecânicas de decodificação da escrita, sem dirigir, contudo, a aquisição de tais habilidades para a dimensão da interação verbal.
- uma atividade de leitura sem interesse, sem função, pois aparece inteiramente desvinculada dos diferentes usos sociais que se faz da leitura atualmente.
- uma atividade de leitura cuja interpretação se limita a recuperar os elementos literais e explícitos presentes na superfície do texto [...].
- uma atividade incapaz de suscitar no aluno a compreensão das múltiplas funções sociais da leitura [...] (2003, p. 27-28).

Antunes (2003, p. 31) também constata que o ensino da gramática da língua portuguesa é realizado de forma descontextualizada, desvinculada dos usos reais da língua escrita ou falada: “uma gramática fragmentada, de frases inventadas, da palavra e da frase isolada, sem sujeitos interlocutores, sem contexto”, ou seja, serve apenas para trabalhar as lições, sem considerar a competência comunicativa dos falantes. Ela explica que, dessa forma, a gramática está preocupada com a nomenclatura, “fixada” em um conjunto de regras, inflexível, isto é, da forma como estão nos manuais, devem permanecer imutáveis.

Para a autora, para quem precisa adquirir competências em leitura e escrita, é preciso ir além de nomenclaturas e classificações gramaticais, é preciso ensinar a língua e seu funcionamento. Nesse sentido, um ensino que vá além da gramática precisa olhar para o contexto, os efeitos de sentido provocados, como também as questões referentes aos gêneros textuais.

Franchi (2006) traz uma distinção importante entre atividades linguísticas e metalinguísticas, especialmente, o que contribui de uma forma mais eficaz para o ensino e aprendizagem da linguagem. A atividade linguística, segundo o autor, “é nada mais que o exercício pleno, circunstanciado, intencionado e com intenções significativas da própria linguagem” (p. 95). Essa atividade, conforme o teórico, acontece no cotidiano em situações de comunicação (oral ou escrita) no âmbito familiar e na comunidade dos alunos, sempre que alguém produz ou compreende um texto. A atividade metalinguística refere-se ao estudo da própria língua, sobre os fatos relevantes dela, como a natureza da linguagem e o seu caráter sistemático, possibilitando o aluno a descrevê-la com base na nomenclatura gramatical.

Os PCNs (BRASIL, 1998) explicam que a atividade metalinguística deve servir de ferramenta de apoio para discutir aspectos da língua. O documento também defende que o ensino da gramática não pode ser tratado de forma desarticulada das práticas de linguagem e cita, como exemplo, a gramática que é estudada de forma descontextualizada, ou seja, “uma prática pedagógica que vai da metalingua para a língua por meio de exemplificação, exercícios de reconhecimento e memorização de terminologia” (BRASIL, 1998, p. 28).

Atualmente, tem-se a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) com relação ao ensino de Língua Portuguesa. Um dos objetivos desse documento é garantir aos alunos o acesso aos saberes linguísticos indispensáveis para a participação social e o exercício da cidadania, pois se entende que é, por meio da língua, que o indivíduo se comunica, raciocina, tem acesso à informação, expõe seu ponto de vista e adquire conhecimento (BRASIL, 2016).

Embora não trate explicitamente do ensino da leitura, Possenti (1998) destaca que a análise de piadas pode exercer papel importante no desenvolvimento do ato de ler, já que, ao explorá-las, é necessário não apenas compreender os mecanismos linguísticos envolvidos, como também chegar ao nível da interpretação, percebendo o que está por trás de uma piada (visões de mundo, preconceitos, etc.). Desse modo, entender uma piada implica ir muito além da simples decodificação.

MATERIAL E MÉTODOS

Nesta pesquisa, tem-se a finalidade de analisar a importância dos gêneros de humor em livros didáticos de Língua Portuguesa, visto que estão, cada vez mais, presentes no ensino da língua. Para a realização deste trabalho analítico-descritivo, seguem-se as etapas apresentadas a seguir.

Em primeiro lugar, com base nas coleções aprovadas pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), de 2016, escolheu-se a obra *Projeto Teláris*, publicado em 2015, de Ana Trinconi Borgatto, Terezinha Bertin e Vera Marchezi, referente ao 9º ano do ensino fundamental. O critério para a escolha dessa coleção, em específico, foi pela acessibilidade, pois a autora desta pesquisa trabalha numa escola em que a referida coleção é utilizada. Com relação à escolha do 9º ano, levou-se em conta que os alunos, neste momento do ensino fundamental, estão finalizando uma etapa e prestes a ingressarem em outra de sua formação, o ensino médio. Desse modo, foi importante verificar como os gêneros charge, tiras e quadrinhos são apresentados e se existe uma condução para explorar questões discursivas e gramaticais nas atividades propostas.

Na análise, selecionou-se a unidade 3, “Gêneros jornalísticos”, a única em que constam a charge, a história em quadrinhos e as tiras, totalizando cinco textos, dos quais foram analisadas a única charge, a única história em quadrinhos e três tiras. As três tiras selecionadas trazem uma crítica social, a fim de verificar se a abordagem proposta pelos autores do LD conduz o aluno à reflexão sobre aspectos de cunho social. As demais tiras (6), que não foram analisadas, estão em anexo como exemplo de **riso pelo riso**, em que a intenção do autor é somente provocar o riso; **de texto não verbal**; textos utilizados para exemplificar o próprio gênero tira; e textos para trabalhar aspectos **gramaticais e discursivos**.

Com base nesse propósito, realizou-se a descrição do contexto de cada um dos textos de humor selecionados. Para isso, descreveram-se os seguintes elementos: fonte onde o texto de humor foi publicado; informações sobre o suporte (nacional, regional); perfil dos leitores; periodicidade; se foi

impresso ou online; se o texto é autoral (assinado ou não) e se, no texto de humor, há algum personagem reconhecido, que costume integrar esses gêneros humorísticos.

Num segundo momento, com base especialmente nas categorias propostas por Travaglia (1989) e especificadas a seguir, com algumas adaptações, analisou-se cada um dos cinco textos que compõem o *corpus*. Para isso, foram observados particularmente os seguintes aspectos:

- a) “Objetivos do humor”: riso pelo riso ou crítica social.
- b) “Humor quanto ao assunto”. No humor social, consideraram-se as seguintes subcategorias: de costumes, de instituições, de governo, de classes.
- c) “Humor quanto ao código”: texto verbal, não verbal ou multimodal (verbal + não verbal).
- d) “O que provoca o riso”, com suas duas subcategorias: *scripts* (estupidez; esperteza/astúcia; absurdo, ridículo) e *mecanismos* (ironia; ambiguidade; exagero).

Por fim, no terceiro momento da análise, observou-se o modo como os autores do LD trabalham os textos de humor, ao se verificar o tipo de abordagem que o livro realiza dos gêneros investigados. Para isso, as seguintes etapas constituem a terceira parte da metodologia deste trabalho:

- a) Observação da parte da unidade quanto à abertura de capítulo, ao suporte, se há explicações quanto ao gênero, apresentação de exercícios, etc.).
- b) Verificação de elementos do texto de humor explorados pelo livro didático (linguagem verbal; não verbal; relação entre verbal e não verbal; elementos contextuais - autor, ano da publicação, etc.).
- c) Exploração do aspecto verbal, observando os elementos linguísticos explorados no capítulo do livro didático (classes de palavras; questões sintáticas; figuras de linguagem; polissemia; inferências, etc.).
- d) Verificação da abordagem realizada pelo LD sobre aspectos como: questões referentes ao gênero textual e mecanismos provocadores do humor - abordagem discursiva - se o foco está simplesmente no texto como pretexto - abordagem gramatical.

Por fim, são apresentadas as conclusões do estudo, levando em conta a base teórica da pesquisa e a análise realizada.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para fins de organização, apresentam-se primeiramente as análises referentes às tiras da unidade. Após, vem a análise da única charge e, por fim, a análise da única história em quadrinhos.

Neste primeiro momento, observou-se, na unidade 3 do livro selecionado, o contexto dos textos em análise. No que se refere às três tiras presentes nessa unidade, nota-se, quanto ao suporte, que uma foi publicada em um jornal, uma em revista e outra em um livro de tiras. Todas as tirinhas

analisadas foram retiradas de suportes de circulação nacional. Com relação ao público, classificou-se o perfil dos leitores: no caso da tira retirada de uma revista sobre tecnologia, como “leitor alternativo”; na da tira da Mafalda, considera-se que os leitores são, provavelmente, apreciadores dessa personagem, já que esse é o único texto do *corpus* extraído de livro (Toda Mafalda).

Quanto à periodicidade desses textos, os três vêm de suportes impressos, como cadernos periódicos, geralmente semanais, às vezes diários, são autorais e com assinatura. Das três tiras, duas delas apresentam os personagens Mafalda e Hagar.

A análise seguinte foi realizada com base na adaptação que se fez das categorias de Travaglia (1989). Com relação às três tiras analisadas, verificou-se, quanto ao “objetivo do humor”, que esses textos apresentam alguma forma de “crítica social”. Dessa forma, as três tiras do *corpus* estão relacionadas aos seguintes assuntos: duas de “costumes” e uma de “classe”. A seguir, está uma das tiras em que a crítica social é feita com relação a “costumes” (Figura 1).

Figura 1 - Texto 1 (Tira).



No texto, há um diálogo entre pai e filhos sobre presentes de Natal. Os filhos querem ganhar um *iPhone*. Ao tentar definir o que é o Natal, o pai diz que o verdadeiro sentido dessa data não é receber presentes, mas o aniversário de uma pessoa muito importante. Os filhos não compreendem que se trata de Jesus Cristo, e pensam que o aniversariante é Steve Jobs, o criador da *Apple*. O humor do texto se dá justamente pelo absurdo da situação: o desconhecimento por parte das crianças de quem é o verdadeiro aniversariante do Natal, ao confundi-lo com uma personalidade do mundo da informática. A perda do verdadeiro sentido do Natal é, cada vez mais, habitual na nossa sociedade, o que faz com que, em termos de assunto, a tira analisada trate de “costumes”, isto é, geralmente as pessoas distorcem o verdadeiro sentido do Natal.

No “humor quanto ao código”, nota-se que são multimodais (texto verbal e não verbal). Quanto à categoria “O que provoca o riso”, na subcategoria “scripts”, identifica-se uma tira relacionada ao absurdo; uma tira quanto à esperteza/astúcia; e a outra, à estupidez. Ainda na categoria “O que provoca o riso”, na subcategoria “mecanismos”, há uma tira que se refere à ambiguidade, e duas, à ironia.

No terceiro momento da análise, observam-se o tipo de abordagem e as finalidades que os autores do LD pretendem ter com os textos de humor trazidos na unidade analisada. Com relação à parte da unidade do LD em que está cada um dos textos de humor analisados, nenhum encontra-se no início do capítulo. Das três tiras, apenas uma tem função exemplificativa, pois serve para caracterizar textos produzidos pelos próprios autores do LD (texto explicativo sobre o trabalho do cartunista João Montanaro). As outras duas são trazidas pelo LD nos exercícios.

Na sequência, verificam-se os elementos do texto de humor que são explorados pelo livro didático (linguagem verbal, não verbal, relação entre verbal/não verbal ou elementos contextuais). Das três tiras analisadas, o LD explora, em uma das tiras, somente informações sobre os autores dos textos humorísticos, como também salienta a data da publicação desse texto. Em outra, há uma relação entre a linguagem verbal e a não verbal. Em apenas uma dessas, o livro explora a linguagem verbal.

Na sequência, estão os elementos/mecanismos linguísticos dos textos de humor explorados pelo livro didático. Nesse caso, identificou-se a exploração em duas tiras. Em uma delas, o LD explora uma figura de linguagem (ironia), a polissemia e a inferência. A outra tira é utilizada pelo LD para abordar conteúdo relacionado à classe de palavras (pronomes).

No último momento, observou-se como o LD explora os mecanismos linguísticos dos textos analisados, buscando perceber se é uma abordagem predominantemente discursiva ou gramatical. Uma das três tiras é utilizada pelos autores do LD para abordarem elementos do contexto (autor e data de publicação), sendo a abordagem, dessa forma, mais direcionada a questões discursivas. Em outra, relaciona-se mais a questões discursivas e, na tira a seguir (Figura 2), a abordagem é estritamente gramatical, como se pode observar.

Figura 2 - Texto 2 (Tira).

1. Leia a tira a seguir e responda às questões no caderno.



BROWNE, Chris. Hagar. Folha de S.Paulo. São Paulo, 15 jul. 2005.

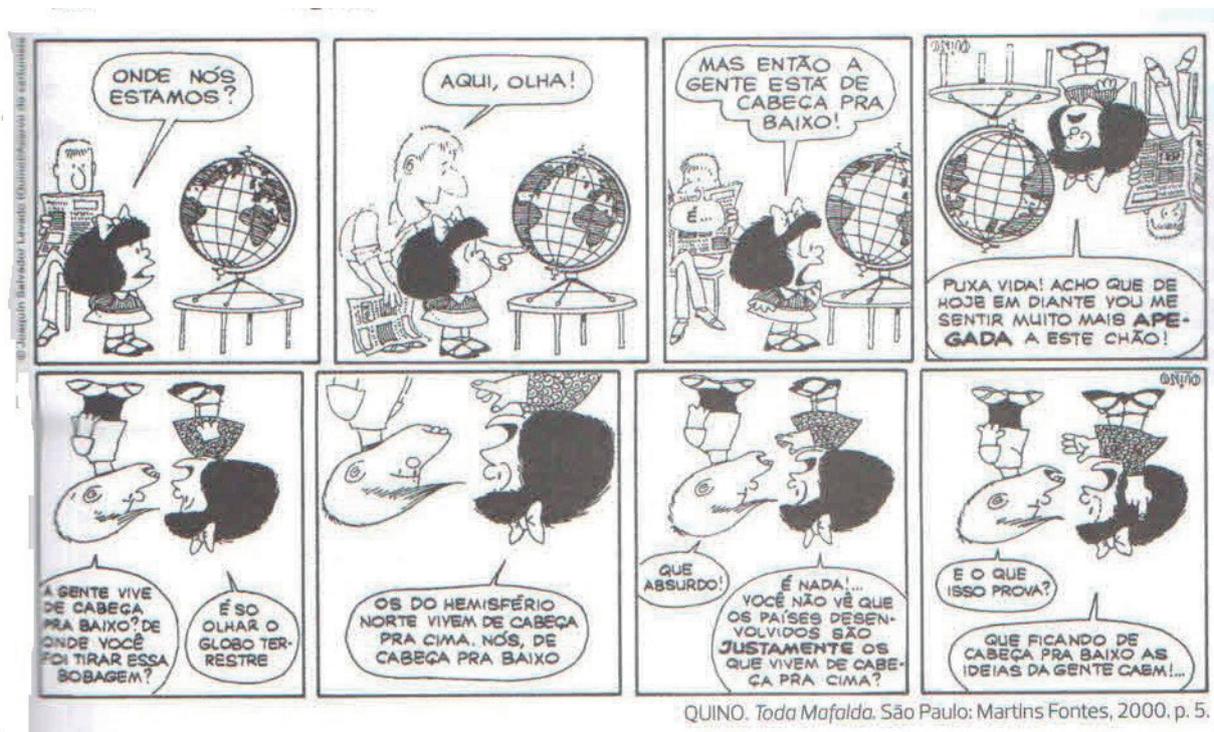
- A que ideia o pronome demonstrativo *isso* está se referindo no segundo quadrinho?
- E a que ideia o pronome demonstrativo *esta* está se referindo no último?
- O que se pode deduzir ao comparar o uso dos pronomes na tira, quanto à localização do termo a que se referem?

Na tira, Helga pergunta se Hagar lavou as mãos antes de ir para a mesa. Ele responde que não, pois pensou que isso só era necessário na presença de visitas. Então, a esposa diz que se trata da pior desculpa que ela já ouviu. É possível perceber no texto uma crítica relacionada ao “costume” (TRAVAGLIA, 1989) que se tem de praticar algumas ações somente quando estão presentes pessoas estranhas, mesmo que se trate de hábitos fundamentais (como lavar as mãos). Apesar da riqueza da tira, o LD a utiliza somente para explorar os pronomes demonstrativos. Isso configura uma abordagem estritamente gramatical, na qual, segundo Antunes (2003), o ensino se preocupa somente com nomenclaturas (atividade metalinguística, segundo FRANCHI, 2006), não levando em conta aspectos discursivos da língua e seu funcionamento, nem mesmo o sentido presente no texto.

Dessa forma, no texto 2, a intenção dos autores é usá-lo como pretexto para o ensino gramatical, ou seja, “uma prática pedagógica que vai da metalíngua para a língua por meio de exemplificação” (BRASIL, 1998, p. 28).

Seguindo a análise, verifica-se que, em outra tira, os exercícios propostos pelos autores do LD preocupam-se em trabalhar aspectos discursivos. Trata-se da exploração da tira de Mafalda (Figura 3).

Figura 3 - Texto 3 (Tira).



Na tira acima, Quino faz uma relação crítica entre representação (no caso, um mapa) e a realidade ao tratar do nível de desenvolvimento dos países. Na figura 4, registra-se um recorte do exercício proposto pelo LD sobre o texto em questão.

Figura 4 - Exercício proposto (Texto 3).

■ Leia os quadrinhos de Quino e converse com os colegas sobre eles, levando em consideração as seguintes questões:

- O que faz a personagem Mafalda concluir que está de cabeça para baixo?
- A partir do quadrinho 4 há uma inversão das imagens, ainda que seja possível ler os balões de fala. O que, na reação de Mafalda, levou o cartunista a usar esse recurso de construção de imagens?
- No quadrinho 4, Mafalda usa a expressão: "apegada a este chão". A palavra destacada pode ser definida de duas maneiras:

| | | |
|---------|---|---------------------------------|
| apegada | } | que tem ligação afetiva, estima |
| | } | que se gruda, se agarra |

Qual das acepções corresponde à que Mafalda usou?

- O mapa é uma forma de representação da realidade. É um suporte de informações sobre os elementos naturais e humanos do espaço: área ocupada, posição, distribuição, etc. A interpretação de um mapa depende do conhecimento dos códigos utilizados pela linguagem cartográfica e de processos de sua elaboração: a escala, os sistemas de projeção, as convenções, etc. A localização no espaço geográfico é estabelecida por um sistema de coordenadas formadas por linhas imaginárias: os **meridianos** e os **paralelos**. Estar acima ou abaixo do que se considera o centro do globo, ou seja, estar ou não de cabeça para baixo, depende de uma convenção, de um acordo. Os países considerados economicamente desenvolvidos são os do hemisfério norte; os demais são os que estão de cabeça para baixo. Que argumento é usado na história para comprovar isso?
- O cartunista dessa história é o argentino Quino, nascido em 1932. Considere que tanto a Argentina quanto o Brasil se localizam no hemisfério sul. Pode-se considerar que há uma ironia na tira em relação a esses países? Em sua opinião, qual é a crítica feita pelo cartunista?



meridiano: linha traçada que liga o polo geográfico norte ao polo geográfico sul.

paralelo: circunferência paralela à linha do equador.

Nota-se que o exercício veiculado pelo LD vai da letra “a” a “e”, proporcionando, de modo gradual, a construção de um raciocínio interpretativo. Para tanto, aborda um detalhe da imagem (item a), a inversão das imagens (item b), a polissemia (item c), a argumentação presente no texto (item d), chegando à exploração da crítica feita pelo cartunista (item e). Desse modo, é nítida a presença do que Franchi (2006) denomina “atividade linguística”, pois envolve a compreensão e a interpretação do texto. Nesse sentido, além de uma questão gramatical (polissemia), a atividade considera o contexto, os efeitos de sentido provocados pela tira, como também a ironia presente na crítica feita pelo cartunista, o que reforça a abordagem discursiva do texto, indo ao encontro do que, segundo a BNCC (BRASIL, 2016), é compromisso de toda educação criar meios para que o aluno desenvolva sua competência discursiva, a fim de que seja capaz de utilizar a língua de modo variado.

Na sequência, será feita a análise da única charge na unidade analisada. Trata-se do texto publicado em setembro de 2011, referente ao evento *Rock in Rio 2011* (Figura 5).

Figura 5 - Texto 4 (Charge).

MONTANARO, João. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 24 set. 2011.

O texto em questão foi publicado em jornal de suporte nacional. A circulação do jornal é diária, mas nem todos os dias há publicação de charges. Quando publicada, ela é autoral.

Observa-se, quanto ao “objetivo do humor”, que o texto traz uma “crítica social”, pois, considerando o período em que foi publicado, a expressão “descanse em paz” está relacionada às críticas da época quanto à queda no número de apresentações de rock, justamente em um festival destinado a esse gênero musical, como se o rock tivesse “morrido” no Rock in Rio daquele ano, devido à presença de outros gêneros musicais. Verificando o contexto no qual foi produzido, o assunto certamente está relacionado à “instituição rock”, a qual é cultuada por seus admiradores e, em um evento como esse, a ausência desse gênero musical gera estranhamento. Quanto ao código, é multimodal (texto verbal e texto não verbal). Na categoria “O que provoca o riso”, na subcategoria “script”, identificou-se a presença de “absurdo”, pois, originalmente, a expressão “Descanse em Paz” remete à morte de uma pessoa, e não a um gênero musical. Quanto ao “mecanismo”, há predomínio de ironia.

Quanto à exploração dessa charge, realizada pelo LD (terceiro nível da análise), serve seguramente para exemplificar o texto explicativo produzido pelos próprios autores do LD, sobre o trabalho do cartunista João Montanaro. Nota-se que o foco são elementos contextuais. Além da exploração do autor do texto de humor, o LD também salienta a data da publicação desse texto, pelo fato de que se trata de uma charge, gênero para o qual a data de publicação é relevante, devido à crítica relacionada a um fato de determinado período. Na sequência, percebe-se que o LD não explora os elementos linguísticos da charge e, mesmo que não haja essa exploração, visto que os autores do LD trataram de elementos do contexto, como autor e data de publicação, por exemplo, a abordagem parece mais direcionada a questões discursivas.

Quanto à história em quadrinho (HQ) a seguir (Figura 6), único exemplo do gênero apresentado, segue-se com a análise na sequência.

Figura 6 - Texto 5 (História em Quadrinhos).



BROWNE, Chris. Hagar. *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 19 jun. 2005. p. E11.

Chris Browne/Kinn Features Syndicate. Inr

Quanto ao primeiro nível da análise, a HQ foi retirada de um jornal de circulação nacional, de publicação diária. A publicação é impressa, o texto é autoral, assinado e com personagem reconhecido. No texto, Hagar faz um recrutamento para escolher uma nova tripulação. Para isso, apresenta algumas exigências: os guerreiros devem estar dispostos a fazer sacrifícios, enfrentar privações, cumprir ordens (mesmo que não concordem com elas), ou seja, “homens acostumados a enfrentar o perigo sem hesitar”. No quadro final, resume: “quero homens CASADOS!”. O tom humorístico do enunciado revela, provavelmente, uma crítica social quanto ao tema em questão.

Com relação ao “código”, o texto é “multimodal”. Na categoria “O que provoca o riso”, o “script” está relacionado ao “ridículo”, visto que se trata de uma situação grotesca, “certa inadequação criada pelo exagero” (TRAVAGLIA, 1989, p. 58) e, como mecanismo, a “ironia”, já que, conforme Travaglia, há uma relação entre o que deveria ser e o que é na realidade.

No que se refere ao terceiro momento da análise, a HQ encontra-se nos exercícios e o LD explora somente a linguagem verbal do texto. No que se refere aos elementos linguísticos, nota-se que se trata de “expressões e orações adjetivas”, além de, conforme a resposta proposta pelo LD para a questão, envolver os mecanismos da inferência, estratégia bastante utilizada para a constituição do humor nos textos. Quanto aos aspectos discursivos e gramaticais, há o predomínio da abordagem discursiva,

já que, no exercício proposto, o aluno é instigado a perceber como é provocado o efeito de humor por meio das expressões e orações adjetivas presentes no texto, como se pode perceber na figura 7.

Figura 7 - Exercício proposto (Texto 5).

- a) Em seu caderno, produza um quadro conforme o modelo a seguir e relacione nele as características que Hagar pretende encontrar em seus guerreiros (quadrinhos 5, 6 e 7). Organize-as na coluna adequada: expressões adjetivas ou orações adjetivas.

| Expressões adjetivas | Orações adjetivas |
|----------------------|-------------------|
| | |

- b) Como é provocado o efeito de humor a partir da lista de expressões e orações adjetivas que Hagar propõe?

Em suma, quanto ao terceiro nível da análise, pode-se afirmar, em termos gerais, que, embora os autores do LD trabalhem algumas questões discursivas na unidade analisada, levando em conta aspectos como contexto, efeitos de sentido provocados e questões referentes aos gêneros textuais, ainda é muito forte a presença de atividades metalinguísticas, muitas vezes não servindo de ferramenta de apoio para discutir os mecanismos que provocam o humor nos textos, o que configura, nesses casos, uma abordagem fortemente gramatical.

CONCLUSÃO

Neste trabalho, objetivou-se propor uma discussão analítica sobre a presença de textos de humor - tira, charge e história em quadrinhos - no livro didático de Língua Portuguesa, buscando verificar se, na exploração desses textos, por parte dos autores do LD, há o predomínio de uma abordagem mais gramatical ou discursiva. Segundo Possenti (1998) e Travaglia (1990), a abordagem dos textos de humor muito pode contribuir para a Linguística. Pensando no contexto de sala de aula, ao analisar esses textos, é possível discutir com os alunos, além dos aspectos gramaticais, questões de ordem social, pois muitos deles trazem críticas relacionadas à sociedade, o que instiga o aluno a refletir sobre questões dessa natureza. Além disso, é importante que se explorem os mecanismos linguísticos que provocam o humor nos textos.

Na análise da unidade escolhida, pôde-se perceber a real valorização de textos de humor, presentes tanto em meio a explicações sobre o trabalho de cartunistas como também em atividades. No que se refere aos exercícios, nota-se que, em alguns casos, os autores não só trabalham a gramática de forma contextualizada, como também exploram alguns aspectos discursivos, como o contexto, efeitos de sentido e questões referentes aos gêneros textuais. Entretanto, ainda são presentes atividades metalinguísticas, com foco na nomenclatura gramatical, em que os autores do LD utilizam textos

apenas como pretexto para o ensino gramatical, não levando em conta os aspectos discursivos que envolvem esses gêneros.

Segundo a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2016), cabe ao ensino fornecer meios para desenvolver a competência discursiva dos estudantes, para que consigam utilizar a língua de forma variada, em diversas situações de comunicação. No que refere à abordagem dos textos de humor, é importante que os livros didáticos - muitas vezes a única ferramenta à disposição dos professores - proporcionem uma abordagem que auxilie o aluno no desenvolvimento de suas habilidades linguísticas, levando-o a perceber os mecanismos usados pelo produtor do texto, a fim de provocar o riso e a reflexão sobre a sociedade atual.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BATISTA, Antônio Augusto Gomes. O conceito de “livros didáticos”. In: BATISTA, Antônio Augusto Gomes; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira (Org.). **Livros escolares de leitura no Brasil: elementos para uma história**. Campinas: Mercado de Letras, 2009.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <<https://bit.ly/1Rk4QUm>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Proposta preliminar. Segunda versão revista. Brasília: MEC, 2016. Disponível em: <<https://bit.ly/2XHyaEJ>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

COSTA, Sérgio Roberto. **Dicionário de gêneros textuais**. 3. ed. rev. ampl. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

FRANCHI, Carlos. Criatividade e gramática. In: _____. **Mas o que é mesmo “gramática”?**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

LISKA, Geraldo José Rodrigues. **O humor da palavra e o desenvolvimento da competência lexical: análise de livros didáticos de português dos anos finais do ensino fundamental**. 2013. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Faculdade de Letras/UFMG, 2013. Disponível em: <<https://bit.ly/2F6O5M4>>. Acesso em: abr. 2019.

OTTONI, Maria Aparecida Resende. **Os gêneros do humor no ensino de língua portuguesa: uma Abordagem Discursiva Crítica**. 2007. 399p. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade de Brasília, 2007. Disponível em: <<https://bit.ly/2F6O5M4>>. Acesso em: abr. 2019.

POSSENTI, Sírio. **Os humores da língua: análises linguísticas de piadas**. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

SOARES, Magda. O livro didático como fonte para a história da leitura e da formação do professor-leitor. In: MARINHO, Marildes (Org.). **Ler e navegar: espaços e percursos da leitura**. Campinas: Mercado de Letras; Belo Horizonte: Ceale, 2001.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. O que é engraçado? Categorias do risível e o humor brasileiro na televisão. **Estudos linguísticos e literários**, Maceió, v. 5 e 6, p. 42-79, 1989.

_____. Uma introdução ao estudo do humor pela linguística. **DELTA - Revista de Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 55-82, 1990.